

O processo educutivo na construção de um fanzine em sala de aula: o caso Avesso¹

Sandra Sueli Garcia de Sousa²
UFRRJ
Eliézer Barreto da Rocha
FACULDADES GUARULHOS³

Resumo

Fanzine é um neologismo que surge da junção de duas palavras estrangeiras: *fanatic* + *magazine*. Originam-se de forma marginal para divulgar assuntos que vão da música à poesia. Na década de 1990 foram amplamente utilizados no Brasil por movimentos anarquistas e punks como forma de propagandear seus preceitos. A partir disso, o fanzine ganhou popularidade e é bastante utilizado em práticas escolares. A intenção deste artigo é apresentar o fanzine Avesso, fruto de uma prática educutiva junto a estudantes de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Discute-se o processo de produção do fanzine a partir de autores como Magalhães (1993) e Andraus (2003), além de verificar como o fanzine é adequado a uma prática horizontal de educutiva levando os alunos a uma experimentação autônoma no fazer comunicativo.

Palavras-chave

Fanzine; Educutiva; Processo; Participação.

Produzir fanzines em sala de aula não é novidade. Esse tipo de publicação, nascida de forma espontânea na década de 1930, nos Estados Unidos, mostra-se como uma boa ferramenta para a prática educutiva. Isso posto, propomos neste artigo conceituar o fanzine, apresentar suas características principais e mostrar como o seu uso em sala de aula pode ser de grande valia para a prática da educutiva.

A proposta segue apresentando o fanzine Avesso, produzido por cinco alunos da disciplina Tópicos Especiais em Jornalismo II, disciplina optativa, ministrada a estudantes de diversos períodos do curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A publicação surgiu como produto final da disciplina e buscou-se, mais que a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta no curso de Jornalismo, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Email: sandragarc@gmail.com

³ Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, SP. Fanzineiro de longa data. Email: eliezer45barreto@gmail.com

finalização do trabalho, vivenciar o processo de construção do fanzine, desde a seleção dos assuntos, construção das pautas, escolha do nome e edição final do mesmo.

Partimos da hipótese que a produção de fanzines em sala de aula é um excelente instrumento para que o aluno tenha autonomia no fazer e seja sujeito atuante de seu aprendizado. Dessa forma, o aluno participa de maneira ativa, se responsabilizando em cada etapa do processo de construção do fanzine. Em linhas gerais, o aluno vivencia uma prática educacional a partir do momento em que participa de todas as fases da produção do fanzine.

O que é fanzine – conceito, importância e atualidade

O termo “fanzine” surge de um neologismo criado da “contração dos termos ingleses *fanatic* e *magazine*” (MAGALHÃES, 1993, p. 09). São publicações que preservam o caráter amador e independente, podem ser produzidas por um conjunto de pessoas ou solitariamente; podem ter várias edições ou não passar de um primeiro número. Segundo Henrique Magalhães, surgiram nos Estados Unidos.

O primeiro [fanzine] de que se tem notícia é *The Comet*, criado em maio de 1930 por Ray Palmer (...). Os editores desses fanzines eram os leitores e fãs mais empolgados dos magazines profissionais de Ficção Científica que pretendiam, com suas publicações, manter a informalidade da comunicação com a participação intensa dos leitores. Produzidos por indivíduos ou por grupos, os fanzines logo passaram a tomar os rumos mais diversos, com abordagens as mais excêntricas. (MAGALHÃES, 1993, pp. 29-30)

Gazy Andraus (2003) afirma que a origem primeira dos fanzines é do final do século XVIII com William Blake:

No posfácio da obra alternativa “*Homo Eternus*”, atribue-se a Blake o pioneirismo dos Fanzines, pois ele editava seus álbuns, contendo textos próprios, ilustrados com gravuras pessoais, pintadas à mão, uma a uma, tal como eram feitas as cópias de livros sagrados na Idade Média. De certa forma ele pode também ter sido o propulsor do fanzine autoral, e o “pai” de todos os autores (principalmente os injustiçados nacionais) que criam e divulgam seus fanzines, principalmente os que visam o público maduro. (ANDRAUS, 2003, pp. 09-10)

No entanto, Andraus fala de um fanzine mais autoral. Em geral, os primeiros fanzines tinham como características serem editados por fãs, daí o nome. No Brasil, o primeiro fanzine também veio pelas mãos de fãs ligados à ficção científica. Chamava-se “Ficção”, editado por Edson Rontani em Porto Alegre, RS, em 1965. Outras publicações

surgiram e com temáticas diversas: poesia, contos, histórias em quadrinhos⁴, anarquismo, rádios livres, feminismo etc.

Esse veículo de comunicação alastrou-se pelo mundo inteiro, expressando idéias e informações adjuntas de um determinado assunto, de forma livre e independente, graças ao seu baixo custo, pois geralmente é rodado em fotocopiadoras (xerox) e divulgado através dos correios e, atualmente, pela Internet (os e-zines). (ANDRAUS, 2003, pp. 05-06)

A forma de produção do fanzine também é levada em conta ao se caracterizar a publicação. Segundo Magalhães (1993), todo o processo de produção passa pela mão de quem edita: “Desde a concepção da idéia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação, distribuição e venda...” (MAGALHÃES, 1993, p.10).

Acompanhar todo o processo significa ao chamado faneditor compreender a importância do produto e se deparar com toda a carga de complexidade que há na tarefa. De fato, os fanzines vivem a máxima *do it yourself*, frase que simboliza a prática da produção de fanzines e um modo de vida atribuída ao movimento punk e anarquista da década de 1970, também um dos primeiros movimentos a fazer uso da publicação (COHEN, 2013).

Mesmo nos fanzines que reproduzem textos da imprensa institucional (excertos de livros, poemas, notícias de jornais, de revistas, etc), há sempre um reaproveitamento das matérias segundo uma ótica muito particular, a dos editores desses fanzines. Ou seja, o texto reaproveitado, recortado de um jornal ou de uma revista, adquire um novo sentido de acordo com a realidade, os interesses e as intenções imediatas desses editores. Eles subvertem o significado inicial de dado signo, convertendo-o em um outro signo, passando mensagens diversas.

Por trás da proliferação dos fanzines, encontra-se o desenvolvimento da tecnologia: num primeiro momento das máquinas de fotocópias e mais atualmente da internet, uma vez que muitos fanzines migraram para a comunicação digital. Terem migrado para a internet significa um recrudescimento da publicação, conforme aponta Andraus:

As publicações independentes têm perdido força nos últimos anos, e talvez tenha a ver com uma série de razões:

- 1) Mudança de suporte para a Internet (o acesso ainda não é tão vasto e fácil, como o correio postal);
- 2) Desânimo dos fanzineiros em continuar um trabalho que não parece ter mais a força que possuía de movimentação informacional e cultural e de troca de correspondência, já que antes em sua grande maioria utilizavam-se dos serviços postais do correio, e agora as permutas são em

⁴ Os quadrinhos talvez sejam a área que mais se apropria dos fanzines para divulgar sua arte.

sua maioria através de e-mails. Embora aparentemente pela Internet este sistema acelere as correspondências, por outro lado, aos que podem acessar a rede virtual, ampliou-se em muito a quantidade de “cartas” a serem respondidas, tornando o caráter crítico mais rápido e superficial. Assim, os fanzineiros, propulsionados por outros trabalhos profissionais e/ou acadêmicos começam a diminuir suas produções. Os novos fanzineiros, abarcados pela Internet, passam a se utilizar mais deste sistema, e assim, não se atinge ainda uma mesma gama de membros como ocorria nos fanzines impressos, devido ao computador e conexão estarem ainda em fase de expansão. Estes novos zineiros parecem também estar menos preocupados com ideários e mais atarefados com o deslumbramento da tecnologia virtual, o que acarreta uma aparente superficialidade.

3) Desta forma, a rede de conexão zineira parece ter diminuído em muito sua atuação e objetivo(s), como nas décadas passadas. (ANDRAUS, 2003, pp. 13-14)

De qualquer maneira, mesmo em um número menor, os fanzines resistem. Estão presentes em eventos nacionais e internacionais, alguns, como se disse, migraram para a internet. Segundo Márcio Sno (apud COHEN, 2013), atualmente há fanzines autorais sendo produzidos: “Os editores estão investindo muito na qualidade visual, utilizando papéis de gramaturas e cores diferentes, dobraduras, impressão em alto relevo, técnicas como costura, estêncil, tintas especiais e até aromas”.

Fanzines em sala de aula

Que o fanzine é um veículo democrático de comunicação e pode ser criado por qualquer pessoa em qualquer lugar, não há dúvidas. Qualquer pessoa pode se apoderar das ferramentas que tiver em mãos para construir seu próprio fanzine e é, por conta disso, que o uso de fanzines em sala de aula tem uma receptividade grande. Numa breve busca em sites de pesquisa⁵, encontramos amplo uso da publicação por várias disciplinas: Geografia, História, Língua Portuguesa, Pedagogia, Educação Física, Artes Plásticas etc.

O fanzine é um estímulo ao uso da criatividade e do caráter de produção autônoma e vem a ser não só um “coringa” na sala de aula, mas uma forma de trabalhar qualquer disciplina de forma reflexiva, consciente e divertida. Diferentemente de algumas tecnologias como um jornal diagramado no computador e depois impresso, para o qual os alunos necessitam de preparo prévio, o zine pode ser aplicado até em turmas semi-analfabetas ou em processo de letramento, de diferentes idades e classes sociais. O fanzine agrega, envolve pela simplicidade, pelo rompimento da relação burocrática entre o estudante e o papel, entre o produtor e suas expressões. O fanzine surge como uma ferramenta de

⁵ Utilizamos o google acadêmico com as palavras fanzine sala de aula. A busca retornou com mais de mil resultados.

baixo custo e que comporta uma infinidade de temas. (CAMPOS, 2009, p. 07)

Como se vê, fazer fanzine tem um tom libertário. Leva o indivíduo a experimentar uma forma de expressão que é sua e que pode encontrar outros que possuem afinidade com o tema. Realizar esse tipo de produção em sala de aula leva, sem dúvidas, o estudante a um outro tipo de aprendizado, um aprendizado rico em participação:

O uso do fanzine configura-se como uma possibilidade de suscitar essa prática comunicacional participativa. Por conta de suas características que acolhem a simplicidade, acessibilidade e, principalmente, liberdade, o zine mostra-se como um recurso oportuno para as pessoas ou grupos que visam começar ou continuar as transformações em suas comunidades, organizações, escolas, universidades etc. (FERREIRA, 2012, p. 9).

Fanzine e a prática educacional

A prática zineira traz bastante da prática educacional. Educação é a junção das palavras Educação e Comunicação. Mais do que juntar as palavras em um neologismo, conforme Donizete Soares (2006), educação tem o destaque de uma palavra a mais: ação, elemento inaugural para as duas práticas (SOARES, 2006).

Entendemos que *fazer educação* ou realizar práticas educacionais, na medida em que isto quer dizer construir um *novo discurso*, é experimentar uma outra forma de convivência social. Aliás, a educação, do nosso ponto de vista, é, antes de tudo, uma proposta de organização social essencialmente diferente dessa em que estamos inseridos. (SOARES, 2006, p. 07)

Para o autor, essa outra forma de convivência social modifica as relações entre as pessoas. Parte-se, por exemplo, de uma relação horizontal, onde não há alguém que mande mais do que os outros:

Nessa proposta de organização social não há e nem pode haver a figura do estrategista definindo, delimitando ou inventando ações para que outras pessoas avancem, recuam, envolvam e atuem de modo a atingirem os fins por ele previstos e determinados. Quem estabelece as estratégias são os participantes do grupo, tendo em vista os motivos que os levaram a se agruparem, assim como os objetivos que querem alcançar (SOARES, 2006, p. 07).

Por isso, de acordo com Soares, a co-gestão é a que melhor caracteriza a Educação. “Apostamos na real possibilidade de que os grupos humanos caminhem no sentido de fazer da autonomia dos indivíduos o seu grande objetivo. Que, antes de tudo, as pessoas se constituam autoras de sua existência individual e co-autoras de nossa existência social” (SOARES, 2006, p.08).

Viver uma prática em co-gestão nos leva a pensar nas formas de participação. Cicilia Peruzzo (2004) ressalta que há diversas dessas formas quando se fala em meios de comunicação, entre elas há a participação na gestão: “consiste no envolvimento no processo de administração e controle de um meio de comunicação comunitária” (PERUZZO, 2004, p. 147).

A participação popular nas experiências mais avançadas de comunicação comunitária representa um avanço significativo na democracia comunicacional. Ela é essencial das organizações populares porque pode se constituir na diferença que ajuda a ampliar o exercício da cidadania. A comunicação comunitária tem o potencial de contribuir para a ampliação da cidadania não só pelos conteúdos críticos-denunciativo-reivindicatórios e anunciativos de uma nova sociedade, mas pelo processo de fazer comunicação. Há uma relação dinâmica entre comunicação e educação que merece ser analisada (PERUZZO, 2004, p. 20).

Peruzzo destaca a participação que existe de diversas maneiras como alavanca para uma vida cidadã. De uma forma ou de outra, o que vale é o caminhar crítico diante da produção que se tem em mãos. Nesse sentido é que o processo é valorizado na educomunicação, conforme Donizete Soares.

Processo – esta é a palavra que melhor define e caracteriza a educomunicação enquanto lugar de ações políticas. Define e caracteriza porque, em praticamente todos os sentidos, o termo é o que de forma mais completa expressa a ação conjunta dos sujeitos sociais na prática da educomunicação (...) Enfim, processo é o *enquanto*, o *durante*, o *entre* a *complexidade* da ação educacional. (SOARES, 2006, p. 05)

A vivência do processo é que vai propiciar o nascimento de um produto, mais do que o produto em si. Estaria aí a essência de toda experiência:

O que equivale a dizer que não é, prioritariamente, o produto que interessa. Não é o resultado acabado e pronto, bem ao gosto dos mercados e lojas que vivem da venda de embalagens que embelezam e enriquecem conteúdos nem sempre – quase sempre – condizentes com as imagens que os representam. Não é a consequência de um processo ou produção como conjunto de pequenas partes ou pedaços que se juntam no final. Nada a ver com o modelo industrial, nada a ver com a suposta vontade de consumo que, teoricamente, caracteriza as sociedades atuais (SOARES, 2006, p. 05).

Retomando a prática de fazer fanzines, todos esses elementos dos quais nos chamam atenção Donizete Soares e Cicilia Peruzzo estão presentes: produzir fanzine em conjunto é ouvir um ao outro; assumir responsabilidades em co-gestão, todos têm autonomia e assumem um processo de produção onde ninguém manda mais que o outro. A participação

é avançada porque há algo sendo gestado em conjunto, portanto. Se assim não ocorrer, não ocorre a prática educacional e cai por terra toda a horizontalidade da comunicação que se deseja nessas experiências.

Avesso – o processo de construção

O curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro é fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), cujo principal objetivo foi o de ampliar o acesso e a permanência nos cursos de ensino superior (2010).

A proposta de criação do curso teve como base o entendimento de que não havia ensino superior público em Jornalismo na região da Baixada Fluminense. Havia, sim, diversas universidades, faculdades e centros de ensino privados na região. Além disso, entendeu-se que seria mais que necessário que houvesse a formação em Jornalismo para uma região carente de profissionais nesse setor. Afinal, as atividades do jornalista e da mídia em geral desempenham papel fundamental para a sociedade, considerando o poder que representam, já que atuam com produção, transmissão e recepção de formas simbólicas (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO, 2016, p. 08)

O curso de Jornalismo funciona em Seropédica, cidade que fica a mais ou menos 70 km do centro do Rio de Janeiro, capital. O campus da UFRRJ em Seropédica possui cerca de 3.024 hectares, sendo considerado um dos maiores *campi* universitários do Brasil. As paisagens verdes e arquitetura dos prédios chamam atenção de quem visita o lugar.

Em 2010, o curso de Jornalismo recebe seus primeiros alunos com a abertura de 45 vagas anuais, número que permanece na atualidade. O curso é oferecido no período noturno, das 18 às 22 horas, com oferta de disciplinas optativas no período vespertino e noturno.

A disciplina optativa Tópicos Especiais em Jornalismo II é oferecida regularmente aos alunos. Cada professor que ministra a disciplina tem liberdade de trabalhar seu próprio conteúdo. Dessa maneira, optamos nas primeiras aulas em apresentar aos alunos a narrativa da jornada do herói segundo a metodologia proposta por Mônica Martinez em seu “Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo” (2006), complementado por “O texto da reportagem impressa” de Oswaldo Coimbra (1993).

A ideia foi de ter uma primeira parte da disciplina teórica, com a apresentação de possibilidades de construção do texto jornalístico, após, os alunos partiriam para a

construção de seus próprios textos. A questão era ver com os alunos onde esses textos iriam ser apresentados: blogs? sites? revista digital? fanzine?

- “Fanzine, professora? O que é isso?”

Eles não conheciam os fanzines. Preparamos assim uma aula para apresentar a publicação a eles. Na hora de escolher o produto a ser trabalhado na disciplina, optaram pelo fanzine, pois era algo que não conheciam, além da possibilidade de trabalhar um texto e editá-lo de forma artesanal. Isso nos chamou atenção, na medida em que disseram já ter trabalhado bastante com produtos digitais e optarem por um produto analógico...

Escolhido o produto, era hora de selecionar os assuntos que seriam trabalhados. A opção foi a de construir uma narrativa de assuntos próximos aos alunos, dessa forma, a própria universidade seria objeto para a construção das pautas. A ideia era a de mostrar dois lados da universidade: um positivo e outro negativo. Esse objetivo foi perseguido inclusive ao se selecionar as pautas:

Textos opinativos: crônica mostrando como é para uma menina andar sozinha na Rural; outro texto opinativo sobre o ambiente receptivo na Rural; frases de estudantes da universidade, escritas por eles mesmos, falando sobre o sentimento em relação à Rural. Seriam colhidos aleatoriamente e cada pessoa teria liberdade para falar o que bem entendesse;

A reportagem principal foi sobre o movimento “Me avisa quando chegar”⁶. Os alunos consideraram que diante da situação de violência vivida pelas ruralinas, o assunto deveria ser pauta para o fanzine. A reportagem foi construída como pauta conjunta dos alunos. Cada um ficou responsável em apurar um aspecto sobre o movimento e uma aluna se encarregou em fazer a edição final;

Outra pauta foi a falta de estrutura física e de equipamentos nos cursos de Ciências Humanas, sobretudo os cursos advindos do Reuni que carecem de equipamentos e espaços físicos para seu bom funcionamento; uma matéria mais curta sobre um ambiente de acolhimento na universidade: a sala azul, local de terapias alternativas; um ensaio fotográfico em preto e branco com o título “Um olhar amoroso sobre a Rural”. A ideia era a de ter sempre um contraponto - para cada texto negativo, um texto positivo.

⁶ “Me avisa quando chegar” é um grupo criado por estudantes da Rural em abril de 2016. O objetivo é protestar contra os casos de abusos e estupros dentro da UFRRJ. No primeiro semestre deste ano foram vários atos e reportagens na grande imprensa dando conta da luta das mulheres na universidade. A luta é por mais segurança no campus e apoio real a situações de abuso e estupro vivenciadas pelas mulheres na Rural.

Todos os assuntos foram debatidos pelo grupo e eram assuntos que importavam intimamente a cada estudante. A Universidade vivia o auge do movimento “Me avisa quando chegar”, estava na mídia com casos de violência contra a mulher; casos de abusos e estupro estavam vindo à tona e ainda havia a crítica a forma como a mídia estava retratando os casos e como a Universidade estava se posicionando em relação a tudo isso. Ou seja, a comunidade ruralina estava sensibilizada para essa gama de situações. Os alunos de Jornalismo queriam falar sobre isso e queriam escrever a partir de uma abordagem mais aprofundada e sem sensacionalismos. Nesse contexto, os textos opinativos e informativos foram apurados e editados.

A escolha do nome veio na sequência: após várias sugestões optou-se pelo nome *Avesso*, como forma de mostrar os dois lados da Universidade ou a Universidade pelo avesso. A montagem do fanzine foi feita em sala de aula. Os alunos trouxeram imagens da Rural, logotipos de movimentos feministas, fotos do ensaio e os textos já digitados e em coluna para facilitar a diagramação. Com tudo em mãos e ferramentas como tesoura, cola, cartolina e criatividade, partiram para a montagem do boneco⁷.

A capa mostra apenas o logotipo criado por uma aluna do grupo – *Avesso*, com os dois “esses” ao contrário sinalizando sobre o que se quer falar. Compõem a capa várias fotos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com justaposição de logotipos de coletivos feministas diversos.

No meio da capa, note-se uma das portas da Universidade convidando o leitor a adentrar o espaço da UFRRJ. E abaixo, o logotipo do movimento “Me avisa quando chegar” juntamente com a foto da manifestação das mulheres no dia 04 de abril de 2016:

No dia 04/04 (segunda-feira), um número expressivo das mulheres ruralinas vestiram preto e batom vermelho, e seguiram em marcha do Restaurante Universitário até o Prédio da Reitoria, denunciando a situação e exigindo medidas urgentes. A partir de então, o movimento recebeu a adesão massiva por parte da comunidade acadêmica, conquistando uma visibilidade que extrapolou “os muros” da universidade. Outras universidades, coletivos organizados, escolas secundaristas, artistas, políticos, além de vários jornais e canais midiáticos, noticiaram e emitiram notas de apoio ao movimento e à causa (SANCHES, 2016)

⁷ Boneco é o nome dado ao fanzine finalizado e pronto para ser fotocopiado ou digitalizado para virar e-zine.



Foto da capa

Desta maneira, o fanzine foi adquirindo seu discurso de denúncia sobre diversas situações vivenciadas pelos estudantes da Rural, mas também de contemplação amorosa pela Universidade. Por fim, com o produto finalizado, organizamos agora a reprodução do fanzine para que haja sua distribuição na volta do semestre.

Finalmente, a avaliação da disciplina não contou com provas tradicionais. Os alunos foram avaliados a partir do processo em que estavam envolvidos e do grau de comprometimento com o fanzine. Claro, que neste ítem não alcançamos uma avaliação horizontalizada no sentido, por exemplo, de uma auto-avaliação feita pela turma ou mesmo de abolir completamente o conceito final na disciplina.

Considerações finais

Embora a prática de fazer fanzines em sala de aula já esteja firmada em muitas experiências, é sempre interessante realizá-la com alunos que ainda não haviam tido contato com um produto como este.

O Averso foi todo ele pensado e debatido conjuntamente, fruto de um processo que procurou ouvir e dar autonomia para o aluno construir sua própria narrativa e fazê-la ser e fruir em forma de um fanzine.

O grupo que fez o fanzine colocou literalmente a mão na massa: recortou, colou, digitou, editou, fez justaposição de imagens, ilustrou de próprio punho, enfim, materializou algo de forma artesanal e se posicionou em relação às questões que os afligiam. Nesse sentido, consideramos que os princípios da educomunicação de promover uma comunicação horizontal, de dar importância ao processo e de construir com o outro foram perseguidos e alcançados.

A ideia de fazer fanzines em sala de aula vai continuar com outras turmas e também seguirá extra-muros da Universidade, pois pensamos em realizar uma parceria com instituições de ensino públicas próximas à UFRRJ em um projeto de extensão que promova oficinas de mídia a partir da educomunicação.

Referências bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. **Gênese, história e importância das publicações independentes do Brasil e do mundo:** os Fanzines e as Revistas Alternativas. Anais do 1º. Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Mídia Brasileira, dois séculos de História, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003-1>, Acesso 01 jul. 2016.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. **Fanzine: da publicação independente à sala de aula.** Anais do III Encontro Nacional sobre Hipertexto, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/b-f/fanzine.pdf>. Acesso 08 Jul. 2016.

COHEN, Marina. **Símbolos da contracultura, fanzines ainda sobrevivem na era da internet,** O Globo, Rio de Janeiro, 31 jul. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/simbolos-da-contracultura-fanzines-ainda-sobrevivem-na-era-da-internet-9296690>. Acesso 06 jun. 2016.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa,** um curso sobre sua estrutura. São Paulo: editora Ática, 2004.

FERREIRA, Jeanne Gomes. **A utilização do fanzine no processo de comunicação participativa.** Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Recife (PE), 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1516-1.pdf>. Acesso 03 jul. 2016.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói:** a estrutura mítica na construção de história de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

SOARES, Donizete. **Educomunicação, o que é isto?** Disponível em http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educucomunicacao_o_que_e_isto.pdf. Acesso em 01 jun. 2016.

PERUZZO, Círcia M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Anais do VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação e V Encontro de Ensino e Investigação da Comunicação nos Países do Mercosul, 2004. Disponível em <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/57/GT2Texto011.pdf>. Acesso 15 jun. 2016.

O QUE É O REUNI? Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. Acesso 12 jun. 2016.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE JORNALISMO, versão 2016. Disponível em: <http://cursos.ufrj.br/grad/jornalismo/files/2014/04/PCC-jornalismo2015-17122015-aprovado-CEPE.pdf>. Acesso 12 jun. 2016.

SANCHES, Carol. **Me avisa quando chegar UFRRJ**. Disponível em: <http://www.kickante.com.br/campanhas/me-avisa-quando-chegar-1>. Acesso 10 jun. 2016.